

Insatisfação com a imagem corporal entre estudantes em situação de alta vulnerabilidade social e à saúde

Body image dissatisfaction among students in situation of high social and health vulnerability

Lorena PIMENTEL¹  Taciana Maia de SOUSA¹  Isabel Cristina BENTO^{2*}  Luana Caroline dos SANTOS¹  Paulo Simone Cardoso Lisboa PEREIRA¹ 

¹Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil

²Instituto René Rachou – Fiocruz Minas. Belo Horizonte, MG, Brasil.

*Autor Correspondente:evmepia@gmail.com

RESUMO

A insatisfação com a imagem corporal tem sido apontada como fator de risco relevante para o desenvolvimento de transtornos alimentares, sofrimento psicológico e baixa autoestima, sobretudo em populações jovens expostas a contextos de vulnerabilidade social. Este estudo transversal avaliou a insatisfação com a imagem corporal e seus fatores associados em estudantes de 6 a 15 anos de escolas públicas de uma capital brasileira em áreas de alta vulnerabilidade à saúde. A amostra consistiu em 291 estudantes, selecionados aleatoriamente com base em cálculo amostral proporcional. Os dados foram obtidos por entrevistas individuais, utilizando questionário estruturado e escala de silhuetas corporais. Foram coletadas informações socioeconômicas, antropométricas (peso e estatura) e relacionadas à autoimagem. A insatisfação corporal foi categorizada como "por magreza" ou "por excesso de peso". Utilizou-se regressão logística multinomial para análise dos fatores associados, com nível de significância de 5%. Entre 291 estudantes (idade média: $10,9 \pm 2,5$ anos), 62,9% apresentaram insatisfação corporal, sendo 36,8% insatisfeitos pelo excesso de peso e 26,1% pela magreza. O sexo masculino e a magreza (IMC) aumentaram o risco de insatisfação por magreza (OR: 1,81 e 2,27, respectivamente). Estudantes com sobre peso/obesidade tiveram maior risco de insatisfação por excesso de peso (OR: 3,57). Não houve diferença na insatisfação entre crianças e adolescentes ($p > 0,05$). Os achados reforçam a importância de estratégias de intervenção no ambiente escolar que considerem as dimensões de gênero e estado nutricional, promovam uma imagem corporal positiva e contribuam para o bem-estar emocional de crianças e adolescentes em contextos sociais vulneráveis.

Palavras-chave: imagem corporal; estudante; estado nutricional; fator de risco.

ABSTRACT

Dissatisfaction with body image has been identified as a relevant risk factor for the development of eating disorders, psychological distress and low self-esteem, especially in young populations exposed to contexts of social vulnerability. This cross-sectional study assessed body image dissatisfaction and its associated factors among students aged 6 to 15 years from public schools in a Brazilian capital located in areas of high health vulnerability.

The sample consisted of 291 students, randomly selected based on proportional sample calculation. Data were obtained through individual interviews, using a structured questionnaire and a body silhouette scale. Socioeconomic, anthropometric (weight and height) and self-image-related information were collected. Body dissatisfaction was categorized as "due to thinness" or "due to excess weight". Multinomial logistic regression was used to analyze associated factors, with a significance level of 5%. Among 291 students (mean age: 10.9 ± 2.5 years), 62.9% reported body dissatisfaction, with 36.8% dissatisfied due to overweight and 26.1% due to thinness. Male sex and thinness (BMI) increased the risk of dissatisfaction due to thinness (OR: 1.81 and 2.27, respectively). Students with overweight/obesity had a higher risk of dissatisfaction due to overweight (OR: 3.57). No significant differences were observed in dissatisfaction between children and adolescents ($p > 0.05$). The findings underscore the need for targeted interventions considering sex and nutritional status to minimize body dissatisfaction and promote health. The findings reinforce the importance of intervention strategies in the school environment that consider the dimensions of gender and nutritional status, promote a positive body image and contribute to the emotional well-being of children and adolescents in vulnerable social contexts.

Keywords: body image; student; nutritional status; risk factor.

Citar este artigo como:

PIMENTEL, L.; SOUSA, T. M. de; BENTO, I. C.; SANTOS, L. C. dos; LISBOA PEREIRA, S. C. Insatisfação com a imagem corporal entre estudantes em situação de alta vulnerabilidade social e à saúde. Nutrivisa Revista de Nutrição e Vigilância em Saúde, Fortaleza, v. 12, n. 1, p. e14842, 2025. DOI: 10.52521/nutrivisa.v12i1.14842. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/nutrivisa/article/view/14842>.

INTRODUÇÃO

A insatisfação com a imagem corporal em crianças e adolescentes é uma preocupação crescente, caracterizando-se pela avaliação negativa das próprias características físicas, como forma, peso e tamanho do corpo. Trata-se de um fenômeno multifatorial, com raízes biológicas, psicológicas e socioculturais, que se manifesta de forma particularmente intensa em contextos marcados por desigualdades sociais (BRASIL, 2021; Almeida *et al.*, 2022).

Nos últimos anos, estudos têm apontado prevalências preocupantes de insatisfação corporal em populações jovens. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) de 2019 revelaram que 30,2% dos escolares brasileiros relataram estar insatisfeitos com sua imagem corporal, com maior prevalência entre meninas e associações com sentimentos de solidão, irritabilidade e pior qualidade de vida (Souza *et al.*, 2023).

Durante a infância e a adolescência, fases sensíveis do desenvolvimento humano, formam-se e consolidam-se elementos da autoimagem, frequentemente influenciados por padrões estéticos socialmente impostos. Estudos mostram que meninas pós-menarca apresentam maior internalização do ideal de magreza e níveis elevados de insatisfação corporal, especialmente quando convivem com sobrepeso ou obesidade (Moraes *et al.*, 2022).

Além disso, a exposição contínua a mídias digitais e redes sociais tem reforçado ideais corporais inatingíveis, como corpos magros para meninas e musculosos para meninos, promovendo comparações sociais negativas e contribuindo para a baixa autoestima, sintomas depressivos e transtornos alimentares (Lira *et al.*, 2017; IBGE, 2016).

Diante dessa problemática, este estudo tem como objetivo avaliar a prevalência de insatisfação com a imagem corporal e seus fatores associados em estudantes de 6 a 15 anos matriculados em escolas públicas de uma capital brasileira, localizadas em áreas de alta vulnerabilidade social e à saúde.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal realizado em três escolas da rede pública de ensino de uma capital brasileira. A referida capital (Belo Horizonte/MG) apresenta aproximadamente 2.512.070 habitantes, um baixo índice de analfabetismo e caracteriza-se por grande dinamismo e diversidade econômica (Índice de vulnerabilidade à saúde, 2018).

As escolas incluídas encontravam-se em locais com elevado ou muito elevado índice de vulnerabilidade à saúde (IVS). Este índice é um indicador para variáveis socioeconômicas (escolaridade, trabalho, renda, moradia) e de ambiente (infraestrutura, condições de acesso ao domicílio) (Silva e colaboradores, 2018). O IVS-Saúde trata-se de uma adaptação ou índice específico que enfatiza indicadores relacionados à saúde, além de manter indicadores sociais que influenciam diretamente a saúde da população.

Participaram do estudo estudantes com idade entre 6 e 15 anos, regularmente matriculados nas escolas participantes. A amostragem foi realizada com fórmulas para fins descritivos propostas por Hulley & Cummings (1988), a partir do número total de estudantes em cada escola ($n_1=734$; $n_2=954$; e $n_3=358$). Adotou-se poder de teste de 95%, com erro alfa de 5% para população finita, com prevalência máxima de 50% para as características desfechos (valor que determina maior tamanho amostral). Determinou-se, dessa forma, 105 estudantes para a Escola 1, 130 para Escola 2 e 56 para Escola 3, totalizando 291 estudantes, que foram selecionados aleatoriamente em cada escola.

Antes da coleta de dados, os objetivos e métodos do estudo foram explicados à escola crianças e seus pais, e consentimento informado foi obtido de todos os participantes individuais incluídos no estudo.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número 08757812.3.0000.5149.

Aplicou-se um questionário, por meio de entrevista direta com as crianças e adolescentes para a coleta de dados, contendo linguagem

clara, com respostas fechadas e respostas abertas objetivas. As entrevistas e avaliações foram realizadas individualmente por alunos de graduação da nutrição e por pelo menos um profissional da equipe de saúde da UBS e preceptor do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) UFMG.

O PET-Saúde trata-se de um programa vinculado aos ministérios da Saúde e da Educação, que tem como objetivo fazer uma articulação entre o ensino e os serviços de saúde, possibilitando assim uma formação de qualidade que leve em consideração a cidadania e a função social do ensino superior, preparando o profissional para o cenário brasileiro que apresenta diferentes realidades de vida e saúde (Brasil, 2008).

Foram investigados: idade, sexo, peso, altura, sexo do responsável, idade do responsável, escolaridade do responsável, renda per capita, recebimento de auxílio do governo (bolsa família).

A aferição do peso e altura foi realizada segundo as técnicas preconizadas pela Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 1995). O peso foi aferido por meio de balança digital da marca Marte®, modelo LC 200 PS, com capacidade de 200kg e precisão de 50g, enquanto que a estatura foi verificada com uma única tomada em estadiômetro portátil, marca Altura Exata®, com capacidade para 220 cm e precisão de 0,5 cm.

A partir do peso e estatura foi calculado o IMC [peso(kg)/estatura(metros)²]-por-idade, que foi classificado segundo os critérios propostos pelo Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Brasil, 2011), a partir das curvas de crescimento da OMS (Word Health Organization, 2007).

Para a autoavaliação da imagem corporal, apresentou-se a escala de silhuetas corporais organizadas em tamanho crescente da esquerda para direita, desde um corpo muito magro (número um), até um com obesidade (número cinco) (Stunkard, Sorenson e Schlusinge, 1983). O escolar deveria responder as seguintes perguntas: “qual o número da silhueta que você acha mais parecida com você?” e “qual o número da silhueta

que você gostaria de ter?”. Foram consideradas insatisfeitas todas as crianças e adolescentes que obtiveram grau diferente de zero como resultado da diferença entre as figuras real e ideal na escala de imagem corporal: o resultado negativo indicava insatisfação corporal por magreza e o positivo, por excesso de peso.

As variáveis foram categorizadas da seguinte forma:

- Faixa etária: categorizada segundo a OMS (1986) em crianças (6 a 9 anos) e adolescentes (10 a 15 anos).
- Sexo do estudante: masculino ou feminino.
- Sexo do responsável: masculino ou feminino.
- Idade do responsável: contínua
- Escolaridade do responsável: < 8 anos de estudo (Fundamental), 8 a 11 anos (Médio), >11 anos (Superior).
- Renda per capita mensal: até 0,5 salário mínimo, 0,5 a 1 salário mínimo, e acima de 1 salário mínimo.
- Recebimento de benefício governamental (como Bolsa Família): sim ou não.
- Resultado negativo na escala de silhuetas: Insatisfação corporal por magreza
- Resultado positivo na escala de silhuetas: Insatisfação corporal por excesso de peso

Os dados coletados foram processados no programa Epi Info versão 3.4.5, por meio de dupla-digitação, que permitiu a devida análise de consistência. Após, realizou-se cálculo das distribuições de frequências e medidas de tendência central e dispersão. A normalidade das variáveis quantitativas foi testada por meio do teste Shapiro Wilk. O teste de Kappa foi utilizado para avaliar a concordância entre a silhueta real e a desejada pelo estudante (Landis e Koch, 1977).

Para avaliar os fatores associados à insatisfação corporal (por magreza e excesso de peso), foram construídos modelos de regressão logística multinomial simples. A categoria de referência da variável dependente foi a satisfação corporal. A odds ratio (OR) com intervalo de confiança de 95% (IC 95%) foi utilizada como medida de efeito.

Os dados obtidos foram analisados com auxílio do software Stata versão 14.0, adotando-se 5% como valor de significância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desse estudo 291 estudantes com idade média de $10,9 \pm 2,5$ anos e 55,0% do sexo feminino. Os responsáveis pelo cuidado desses estudantes eram predominantemente mulheres (92,4%), que apresentavam nível de ensino fundamental (59,3%), renda per capita de até meio salário mínimo (66,2%), e 43,3% relataram receber auxílio do governo.

Observou-se que 71,5% dos estudantes apresentavam eutrofia segundo o IMC/idade, 13,4% apresentavam magreza e 15,1% excesso de peso (sobre peso ou obesidade).

Em relação à imagem corporal, 62,9% dos estudantes avaliados estavam insatisfeitos, sendo que 26,1% eram insatisfeitos por magreza e 36,8% por excesso de peso. Houve fraca concordância entre a imagem (silhueta) que o estudante gostaria de ter e aquela que ele realmente apresentava ($k=0,284$).

Os resultados de associação entre a insatisfação corporal dos estudantes e as demais variáveis estudadas estão descritos na Tabela 1.

Houve maior risco de insatisfação corporal por magreza dentre os estudantes do sexo masculino (OR: 1,81; IC95%: 1,01-3,28) e entre aqueles com diagnóstico de magreza segundo o IMC (OR: 2,27; IC95%: 1,02-5,0).

Já a insatisfação corporal por excesso de peso foi mais prevalente entre os estudantes com sobre peso ou obesidade (OR: 3,57; IC95%: 1,67-7,63). Não houve diferença na prevalência de insatisfação corporal entre crianças e adolescentes ($p>0,05$).

No presente estudo, foi identificada uma elevada prevalência de insatisfação com a imagem corporal (62,9%) entre estudantes residentes em regiões de alta vulnerabilidade social e à saúde, evidenciada pela fraca concordância entre a silhueta idealizada pelos estudantes e aquela que apresentavam na realidade. Esses resultados

corroboram achados de outras pesquisas realizadas em contextos escolares públicos e privados, que indicam prevalências semelhantes ou superiores a 75% (Claumann *et al.*, 2019; Leal, Phillipi & Alvarenga, 2020; Carvalho *et al.*, 2020).

Os desvios nutricionais, seja por magreza ou excesso de peso (28,5%), contribuiu substancialmente para essa insatisfação, conforme observado também em outras investigações (Fantineli *et al.*, 2020; Moura *et al.*, 2021). Fantineli *et al.* (2020) apontam que alterações no peso corporal, são preditores robustos de insatisfação com a imagem corporal, afetando tanto meninas quanto meninos, e que essa relação ocorre independentemente de variáveis sociodemográficas, faixa etária, nível de atividade física e estágio maturacional. Moura *et al.* (2021), em pesquisa realizada com escolares de 12 a 18 anos no Maranhão, destacaram ainda que fatores relacionados ao estilo de vida, como atividade física e consumo de álcool, influenciam não apenas o índice de massa corporal, mas também a percepção de satisfação corporal.

Outro achado importante deste estudo foi a maior probabilidade de insatisfação por magreza entre estudantes do sexo masculino, em consonância com Claumann *et al.* (2019), que identificaram uma proporção maior de meninos insatisfeitos por magreza em comparação às meninas. Esse fenômeno pode estar associado ao desejo masculino por aumento da massa muscular, refletindo os padrões estéticos contemporâneos que valorizam corpos fortes e musculosos (IBGE, 2016). Baker *et al.* (2019) ampliam essa discussão ao identificar que a insatisfação corporal masculina pode ser multifacetada, incluindo preocupações com massa muscular, altura e forma geral do corpo, ressaltando a importância de compreender as especificidades do gênero na construção da imagem corporal.

Observou-se que insatisfação corporal está fortemente associada ao estado nutricional, mas não se restringe a estudantes com excesso de peso ou magreza. No presente estudo, 59,1% dos eutróficos também manifestaram insatisfação, um dado

Tabela 1 – Regressão multinomial simples para associação entre insatisfação corporal e as demais variáveis estudadas de estudantes em situação de alta vulnerabilidade social e à saúde de Belo Horizonte – MG, 2013-2014.

Variável	Insatisfação corporal por magreza			Insatisfação corporal por excesso de peso		
	% (n) ou média ± DP	OR (IC 95%)	Valor p	% (n) ou média ± DP	OR (IC 95%)	Valor p
Idade do estudante (anos)	11,07 ± 2,42	1,05 (0,93-1,18)	0,432	11,08 ± 2,49	1,04 (0,93-1,13)	0,504
Grupo etário						
Criança	19,7 (15)	(ref)	(ref)	21,5 (23)	(ref)	(ref)
Adolescente	80,3 (61)	1,87 (0,93-3,74)	0,078	78,5 (84)	1,67 (0,90-3,10)	0,099
Sexo do estudante						
Feminino	40,8 (31)	(ref)	(ref)	64,5 (69)	(ref)	(ref)
Masculino	59,2 (45)	1,81 (1,01-3,28)	0,049	35,5 (38)	0,69 (0,39-1,19)	0,182
Estado nutricional do estudante						
Eutrofia	73,7 (56)	(ref)	(ref)	62,6 (67)	(ref)	(ref)
Magreza	23,7 (18)	2,27 (1,02-5,0)	0,045	8,4 (9)	0,95 (0,37-2,39)	0,916
Excesso de peso	2,6 (2)	0,27 (0,6-1,29)	0,102	29,0 (31)	3,57 (1,67-7,63)	0,001
Idade do responsável (anos)	38,53 ± 2,50	0,98 (0,95-1,02)	0,468	39,11 ± 8,3	0,99 (0,96-1,02)	0,719
Sexo do responsável						
Feminino	94,7 (72)	(ref)	(ref)	93,5 (100)	(ref)	(ref)
Masculino	5,3 (4)	0,49 (0,15-1,60)	0,238	6,5 (7)	0,61 (0,22-1,65)	0,339
Escolaridade do responsável						
Fundamental	63,2 (48)	(ref)	(ref)	55,1 (59)	(ref)	(ref)
Médio	32,9 (25)	0,94 (0,49-1,76)	0,849	43,0 (46)	1,40 (0,80-2,46)	0,232
Superior	3,9 (3)	0,67 (0,16-2,84)	0,594	1,9 (2)	0,36 (0,70-1,89)	0,231
Renda per capita						
<0,5 salário mínimo	69,3 (52)	(ref)	(ref)	64,8 (68)	(ref)	(ref)
0,5 a 1 salário mínimo	25,3 (19)	0,94 (0,47-1,88)	0,877	30,5 (32)	1,22 (0,66-2,24)	0,524
>1 salário mínimo	5,4 (4)	0,54 (0,15-1,81)	0,318	4,8 (5)	0,51 (0,16-1,58)	0,247
Auxílio do governo						
Sim	50,7 (38)	(ref)	(ref)	37,4 (40)	(ref)	(ref)
Não	49,3 (37)	1,31 (0,72-2,37)	0,370	62,6 (67)	0,76 (0,44-1,31)	0,330

Categoría de referência: satisfação corporal. DP: desvio-padrão; OR: odds ratio; IC 95%: Intervalo de confiança de 95%.

Fonte:As autoras.

que amplia a compreensão do fenômeno. Esse resultado, por vezes contraintuitivo, tem sido destacado em pesquisas recentes (Triches & Beal, 2018; Carvalho et al., 2020). A insatisfação entre eutróficos desafia a lógica biomédica tradicional e aponta para a influência de fatores subjetivos e socioculturais, como autoestima, identidade de gênero e padrões estéticos normativos. Mesmo sem alterações corporais objetivas, os adolescentes podem experimentar sentimentos negativos persistentes sobre seu corpo, influenciados por comparações sociais e expectativas idealizadas (Silva et al., 2019).

Pressões sociais provenientes da família, dos pares e, especialmente, da mídia e das redes sociais contribuem para a construção do ideal do “corpo perfeito”, marcado por magreza e

musculatura, o que intensifica a insatisfação entre adolescentes (Lira et al., 2017; Fantineli et al., 2020; Silva et al., 2020; Matos & Oliveira, 2022). Essa pressão pode resultar em comportamentos prejudiciais à saúde, uma vez que muitos jovens buscam atingir padrões irreais mesmo que isso comprometa seu bem-estar.

No que tange às condições socioeconômicas, a ausência de associação estatisticamente significativa com a insatisfação corporal observada no presente estudo pode ser atribuída à homogeneidade da amostra, composta por estudantes de escolas públicas localizadas em áreas de alta vulnerabilidade social. No entanto, a alta prevalência de insatisfação corporal encontrada pode estar relacionada ao contexto de vulnerabilidade social, ao limitar o acesso a recursos de saúde,

lazer e alimentação saudável, e ao expor os adolescentes a contextos em que o corpo torna-se uma das poucas formas de valorização e reconhecimento (Felden *et al.*, 2015; Silva *et al.*, 2022).

Em suma, os resultados confirmam que a insatisfação corporal é um problema expressivo entre adolescentes de áreas vulneráveis, associando-se significativamente ao estado nutricional e ao sexo. Reconhecida como uma questão crescente de saúde pública (Ferreira *et al.*, 2021). A complexidade dessa insatisfação, manifestada inclusive entre eutróficos, evidencia a necessidade de intervenções que considerem não apenas os aspectos nutricionais, mas também as influências sociais, culturais e psicológicas que moldam a autoimagem dos adolescentes.

Nesse sentido, destaca-se a importância da identificação precoce da insatisfação com a imagem corporal para a prevenção do uso de métodos não saudáveis de modificação corporal, como restrições alimentares severas, indução de vômito, uso de laxantes, diuréticos e medicamentos sem prescrição, exercícios físicos excessivos e procedimentos cirúrgicos arriscados, que elevam o risco de transtornos alimentares graves (Santos *et al.*, 2021; Moreira, 2022; Matos & Oliveira, 2022).

Para isso, é fundamental desenvolver intervenções multissetoriais, especialmente em ambientes escolares. Estratégias viáveis incluem oficinas de educação em saúde, ações específicas para meninos e meninas, voltadas para autoestima e imagem corporal, ações interdisciplinares que envolvam professores, profissionais da saúde e famílias, além de campanhas que estimulem o pensamento crítico frente aos padrões estéticos veiculados pelos meios de comunicação. O fortalecimento de habilidades socioemocionais e o incentivo à valorização da diversidade corporal são componentes essenciais, para a promoção de hábitos de vida saudáveis.

Por fim, destaca-se como limitação a restrição amostral a uma única cidade e a ausência de análise de consumo alimentar, variável relevante para estudos que envolvem estado nutricional e percepção corporal. Ainda assim, este estudo contribui ao evidenciar a magnitude e complexidade

da insatisfação corporal em contextos de vulnerabilidade social e à saúde, propondo caminhos concretos para enfrentamento por meio da articulação entre saúde e educação.

CONCLUSÃO

A insatisfação com a imagem corporal mostrou-se prevalente entre estudantes de 6 a 15 anos residentes em áreas de alta vulnerabilidade social e à saúde, afetando mais da metade dos participantes do estudo. Esse fenômeno esteve associado ao sexo masculino (no caso da insatisfação por magreza) e ao estado nutricional, tanto para magreza quanto para excesso de peso. No entanto, a presença de insatisfação mesmo entre estudantes eutróficos indica que fatores subjetivos e socioculturais também exercem forte influência sobre a autoimagem corporal.

A ausência de associação com variáveis socioeconômicas pode estar relacionada à homogeneidade da amostra, composta por estudantes em situação social semelhante. Ainda assim, o contexto de vulnerabilidade parece contribuir indiretamente para a formação de uma imagem corporal negativa, ao limitar o acesso a condições que promovem saúde, autoestima e bem-estar.

Dessa forma, os achados reforçam a importância de estratégias intersetoriais de promoção da saúde mental e da valorização da diversidade corporal no ambiente escolar, com foco na prevenção de transtornos alimentares, valorização da autoestima e fortalecimento do senso crítico diante dos padrões estéticos impostos pela mídia. Investimentos em educação nutricional, apoio psicológico e políticas públicas voltadas para adolescentes em situação de vulnerabilidade social são fundamentais para mitigar os impactos negativos da insatisfação corporal nessa população.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. C.; MORAIS, L. T.; LIMA, G. P.; ARAÚJO, T. C. Insatisfação corporal em adolescentes: fatores

associados e estratégias de intervenção. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 10, n. 2, p. 45-56, 2022.

BAKER, S. R.; LÓPEZ, F. G.; JONES, M. K. Masculinity, body image, and self-concept: Integrating social influences. *Journal of Adolescent Health*, v. 65, n. 5, p. 617-623, 2019.

BRASIL. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019. Brasília, DF: IBGE, 2021.

BRASIL. PET-Saúde: Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde; Ministério da Educação, 2008.

CARVALHO, P. H.; SOUSA, A. M.; LOPES, M. F. Imagem corporal em escolares: revisão e perspectivas. *Revista de Saúde Pública*, v. 54, p. 19-27, 2020.

CLAUMANN, G. S.; HALLAL, P. C.; SILVA, M. P.; KRUG, R. R. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em adolescentes. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 22, e190025, 2019.

FANTINELI, E. R.; VILELA, J. E. P.; SILVA, M. F.; OLIVEIRA, M. T. Preditores de insatisfação corporal em adolescentes: um estudo longitudinal. *Revista de Saúde Pública*, v. 54, p. 42, 2020.

FELDEN, E. P. G.; FONSECA, R. H.; SANTOS, J. D.; SANTOS, J. E. Desigualdades sociais e insatisfação corporal: análise em escolares. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 7, n. 1, p. 12-20, 2015.

FERREIRA, M. G.; SANTOS, M. A.; VIEIRA, T. M. Imagem corporal em adolescentes: revisão sistemática. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 5, e00134520, 2021.

HULLEY, S. B.; CUMMINGS, S. R. Designing clinical research. Baltimore: Williams & Wilkins, 1988.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Saúde Escolar: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

ÍNDICE DE VULNERABILIDADE À SAÚDE. Mapeamento das áreas de risco à saúde em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 2018.

LANDIS, J. R.; KOCH, G. G. The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, v. 33, n. 1, p. 159-174, 1977.

LEAL, G. V. S.; PHILLIPI, S. T.; ALVARENGA, M. S. Insatisfação corporal em adolescentes: prevalência e fatores associados. *Jornal de Pediatria*, v. 96, n. 1, p. 45-52, 2020.

LIRA, A. G.; SOARES, M. J.; MORAES, P. R.; SILVA, C. R. Redes sociais e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista de Psicologia Aplicada*, v. 12, n. 2, p. 88-97, 2017.

MATOS, J. S.; OLIVEIRA, M. A. Pressões socioculturais e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista Adolescência e Saúde*, v. 19, n. 1, p. 45-56, 2022.

MOREIRA, R. S. Transtornos alimentares e a busca pelo corpo perfeito: uma análise sociocultural. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 8, n. 1, p. 33-42, 2022.

MORAES, P. R.; PEREIRA, M. V.; SOARES, J. P.; LIMA, T. M. Relação entre insatisfação corporal e sobrepeso em adolescentes. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 9, n. 1, p. 23-29, 2022.

MOURA, L. B.; SANTOS, P. R.; LIMA, S. C.; AMORIM, A. L. Insatisfação corporal e estilo de vida em adolescentes do Maranhão. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 11, n. 2, p. 12-20, 2021.

SANTOS, T. S.; OLIVEIRA, G. A.; SOUZA, M. F. Riscos de métodos extremos para modificação corporal. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, p. 22, 2021.

SILVA, R. S.; ALMEIDA, A. J.; SOUSA, A. M.; MARTINS, A. C. Insatisfação corporal em adolescentes eutróficos: reflexões sobre a saúde mental. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 11, n. 1, p. 34-42, 2019.

SILVA, R. S.; SOUZA, M. F.; OLIVEIRA, G. A.; MORAES, P. R. Fatores sociais e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 11, n. 3, p. 55-64, 2020.

SILVA, R. S.; VILELA, J. E. P.; LIMA, T. M.; SANTOS, M. F. Vulnerabilidade social e saúde em adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, v. 56, p. 14, 2022.

STUNKARD, A. J.; SORENSEN, T.; SCHLUSINGE, A. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. *Research Publications – Association for Research in Nervous and Mental Disease*, v. 60, p. 115-120, 1983.

TRICHES, R. M.; BEAL, A. M. Insatisfação corporal em adolescentes brasileiros: uma revisão. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 10, n. 1, p. 19-28, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Measuring change in nutritional status: guidelines for assessing the nutritional impact of supplementary feeding programmes for vulnerable groups. Geneva: WHO, 1986.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Physical status: the use and interpretation of anthropometry. Geneva: WHO, 1995.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Child Growth Standards: length/height-for-age, weight-for-age, weight-for-length, weight-for-height and body mass index-for-age: methods and development. Geneva: WHO, 2007.

FONTES DE FINANCIAMENTO

O ESTUDO CONTOU COM A CONCESSÃO DE BOLSAS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO PARA A SAÚDE (PET-SAÚDE) DO MINISTÉRIO DA SAÚDE EM PARCERIA COM O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - BRASIL.

RECEBIDO:15.1.2025

ACEITO:15.6.2025

PUBLICADO: 16.6.4.2025